

O G A T O

Comédia fantástica, num prólogo e  
dois actos

Original de:

HENRIQUE SANTANA

MARCELO



Ramada, 18 de Agosto de 1963

## P E R S O N A G E N S

O GATO <sup>PIRILAU</sup>

e

CARLOS

} - O mesmo ~~actor~~ <sup>personagem</sup>

TIA CARLOTA - Tia de Carlos

PROFESSOR NOVAIS - Professor de psicologia e psiquiatria

MARIA DE CASTRO - <sup>Espôsa</sup> ~~mulher~~ de António Castro

ANTONIO DE CASTRO - Banqueiro

TEREZINHA - Filha dos Castros, noiva de Carlos.

JOANINHA - Filha mais nova dos Castros.

TONI - Noivo de Joaninha

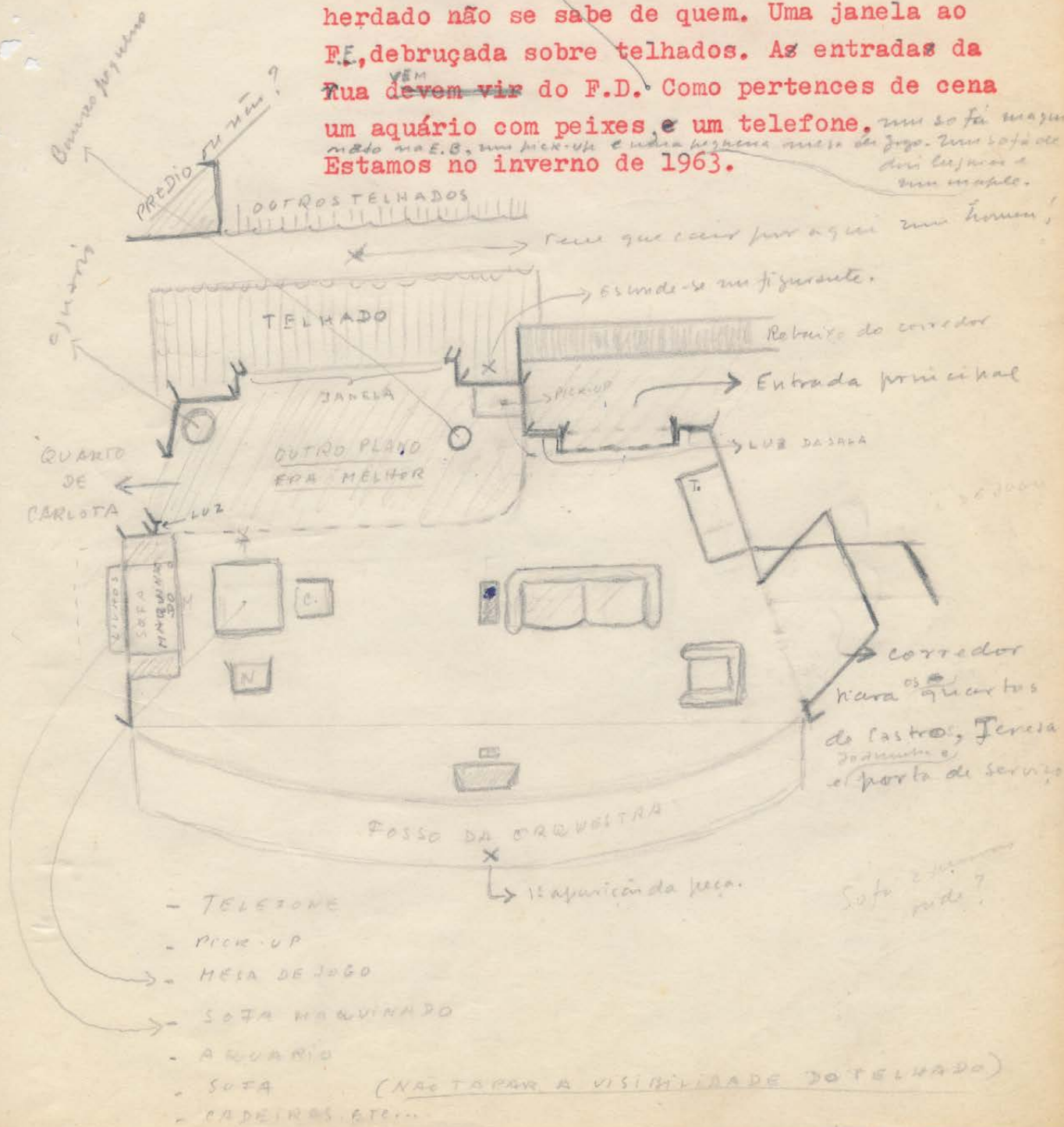
AMELIA - A criada

ROMUALDO - Pretendente de Terezinha

LAURA BARRADAS - Uma mulher que vem informar

um hall, que data  
 Na D.B. ~~um corredor~~ da porta dos quartos de castro, janela  
 varanda e porta de serviço.

Desde que a comédia é uma fantasia, podemos  
 imaginar, em Lisboa, numa sala de estar de re-  
 quintado bom gosto, numa mistura de móveis e  
 boas peças antigas com maples e sofás moder-  
 nos, mas não afrontosos. Uma sala onde possa  
 viver uma senhora com um bom rendimento, her-  
 dado da família e um bom gosto e um gato  
 herdado não se sabe de quem. Uma janela ao  
 F.E. debruçada sobre telhados. As entradas da  
 rua devem vir do F.D. Como pertences de cena  
 um aquário com peixes e um telefone. *um sofá magri-  
 nado na E.B. um pick-up e uma pequena mesa de jogo. Um sofá de  
 dois lugares e um maples.*  
 Estamos no inverno de 1963.



## P R O L O G O

Ouvem-se as primeiras ~~pannadas~~ de Molière e sobe o pano num escuro total. Um projector incide unicamente na personagem Carlos que durante o escuro foi colocar-se na orquestra, debruçado sobre a balaustrada que divide o público do fosso da orquestra. Quando subiu o pano já estavam em cena formando grupo ao centro, em pé, como se tivesse acabado de chegar da rua, o Professor Novais e a criada Amélia, com o sobretudo e chapéu do professor na mão. À E.B. a D. Carlota, sentada com o Gato <sup>pirilau</sup> ao colo e ao seu lado em pé, chorosa e de lenço na mão, a Terezinha. À D.B. o banqueiro António de Castro e a esposa, acompanhados pela filha Joaninha e pelo Toni, noivo da Joaninha)

### CARLOS

(Depois de acender o seu projector, dirigindo-se ao público) Minhas senhoras e meus senhores, estou aqui p'ra lhes desejar muito boa noite. É neste momento que vai começar o nosso espectáculo, acreditem que ninguém mais sinceramente do que nós, lhes pode desejar uma boa noite. Nós, os cómicos, desejamos ao nosso querido público uma noite cheia de alegria, de boa disposição e acima de tudo de... indulgência. Sem indulgência o mundo é feio e triste ~~ex~~ eu sempre ouvi dizer que é preciso sermos indulgentes uns com os outros, mas hoje o que nos convinha muito, era que V.Exas. fossem os <sup>"outs"</sup> ~~"ins"~~ e nós fossemos os "outros". Eu sei que estou a pedir muito, mas o mais grave é que ainda vou pedir mais. Venho também pedir a V.Exas. a gentileza de colaborarem no nosso espectáculo... Bem! É claro que a colaboração não é, nem subir ao palco p'ra entrar no concurso da dança das cadeiras, nem darem <sup>palminhas</sup> ~~palmadinhas~~ no meio da canção, "trás, trás, trás, trás". Não! Não! Nem tanto!... O que eu pretendia de V.Exas. era <sup>que</sup> ~~tirarem~~ os óculos da realidade e do verosímil e vissem esta noite, como <sup>real</sup> ~~Real~~ e objectivo, tudo o que é inverosímil e fantastico, para daí pudermos tirar <sup>os</sup> ~~os~~ nossos efeitos. Aliás, quando estamos a sonhar tudo nos parece possível e mesmo disparatados, há sonhos agradáveis, e nós os comediantes não somos mais que vendedores de sonhos; e esta noite vamos vender uma história inverosímil e fantástica. Mas como já perdi muito tempo, e não quero que além do meu arrazoado ainda sofram as primeiras cenas de

explicação de todas as farsas, em que a criada começa sempre por contar a um amigo da família, que por acaso chega sempre naquele dia, e fica a saber, ele e o público 'é claro, tudo o que se passou na sua ausencia, p'ra depois entrarem os outros personagens, e contarem o resto da intriga, ~~e continuar a história.~~ Hoje não!... Como imagino que já puseram os óculos da fantasia, vamos começar de outra maneira. Com licença! (Falando para o palco) Senhor electricista, a luz numero dois! (Acende-se um projector que iluminará o Professor Novais e a Criada Amelia) Esta é a criada da casa, uma criada lisboeta igual a todas! Bem! Nem todas são tão... tão apresentáveis, mas se puzermos os óculos cor de rosa da fantasia, são todas assim. (Para a criada) Chamas-te... Eufémia, não é?

AMELIA

(Desmachando a pose) Eufémia, sim senhor!

CARLOS

Eufémia é horrível, não acham?... Vamos chamar-lhe... o quê?... Talvez...

UM FIGURANTE (na plateia)

Amélia!

CARLOS

Está muito bem!... É um nome sonoro!... Amélia!... E simples! Passas a chamar-te Amélia.

AMELIA

Amélia!... Sim senhor! Mas na primeira cena com o professor, eu...

CARLOS

A cena foi cortada! Eu combinei com o nosso público desta noite e começamos logo na sétima cena.

PROFESSOR NOVAIS

(Desmachando a pose) Eu peço desculpa mas não concordo. <sup>Esta</sup> Era a minha cena brilhante e onde eu defenia o personagem. Na minha qualidade de amigo da família quando psicologicamente eu...

CARLOS

Não discuta, professor Novais! E se fosse cortada pela censura, também não havia, pois não?! Então pronto! (Para o publico) Este personagem é Professor em psicologia e...

PROFESSOR

Psiquiatria! Sou amigo da <sup>Carlota, a dona desta casa</sup> dona da casa que já me consultou várias vezes, como amigo <sup>é claro!</sup>

CARLOS

Não como doente ?

PROFESSOR

Felizmente, não! Porque aqui p'ra nós, quem se sujeita ao exame dum psiquiatra merece realmente que lhe examinem a cabeça! Não acha ?

CARLOS

Não sei! Nunca fui a um psiquiatra!

PROFESSOR

*Mds,*  
E sabe o que é ?

CARLOS

Muito bem! Psiquiatra é a ultima pessoa com quem falamos antes de falarmos sózinhos!

PROFESSOR

Oh!...(Apaga-se o projector que ilumina o Professor)

CARLOS

A luz numero três! (Acende-se um projector, que ilumina o grupo de Carlota, Gato e Teresa) Esta senhora é a tia Carlota, o gato que tem ao colo que é protagonista da peça, é o gato Pirilau e a que está ao lado é a Terezinha. (Ao grupo) Quero apresentar-lhes o nosso público desta noite!

CARLOTA

Muito prazer e muito boa noite!

TERESA

Muito boa noite!

CARLOS

Como vamos começar na sétima cena era bom informar o nosso público do vosso estado de espirito na cena oitava!

CARLOTA

Ora essa! Vão encontrar-nos muito preocupadas porque vai fazer cinco anos que o meu sobrinho Carlos desapareceu no interior da ~~África~~ ~~Brasil~~. Nunca mais tivemos noticias e se não aparecer nestes oito dias os pais da noiva, da Terezinha, acabam com o noivado. O Carlos, não é por ser meu sobrinho mas é uma joia de rapaz, e foi para o ~~Brasil~~ ~~África~~ porque não queria casar com a filha dum banqueiro, sem ser rico, senão as más linguas começavam a dizer que...bem!

TERESA

(Chorosa) Coitadinho! Eu prometi que esperava por ele, mas o meu

Pai quer que eu case com Romualdo. (Chora)

CARLOTA

Os pais dela são uns brutos!

MADAME CASTRO

(No escuro) Isto não está certo! Estão a falar duma maneira que nós é que ficamos com os papéis antipáticos!

CASTRO

(No escuro) A luz nº.4. Faça favor! (Acenda a luz) Eu peço desculpa de interromper mas quero esclarecer as coisas como elas são. Primeiro muito boa noite. Eu sou António de Castro, banqueiro. em Angoulême. A minha mulher <sup>Maria</sup> ~~Helena~~ de Castro, e a minha filha mais nova, a Joaquinha... O caso é este: A minha filha ~~maxxxxxxx~~ Terezinha, aquela, ~~que~~ estava para casar com o Carlos. Mas o Carlos não tinha um emprego compatível com a nossa categoria social. Antes de casar eu...

HELENA <sup>MARIA</sup>

Eu...eu é que convenci o meu marido a dar-lhe uns dinheiros que ele queria, para tentar uns negócios lá ~~no Brasil~~ <sup>em Africa</sup>.

CASTRO

E eu, na melhor das intenções emprestei-lhe o dinheiro, e Carlos foi-se embora e nunca mais apareceu nem deu noticias, nem nada! Que culpa é que eu tenho?

HELENA <sup>Maria</sup>

E a pequena não pode ficar toda a vida à espera!

JOANINHA

Eu também quero casar com o Toni!

HELENA <sup>Maria</sup>

Não seja apressada! Primeiro, o seu pai tem que lhe arranjar um emprego.

TONI

Mas eu não quero ir p'ró interior!

CASTRO

Vai para onde eu disser! Cale-se! (Ao público) Desculpem. Eu vim de propósito passar o Natal a Lisboa <sup>aqui a</sup> em casa da D. Carlota, para tomar uma decisão. Se o Carlos não aparecer, desfaz-se o noivado e ela casa com outro! Pronto!

TERESA

(Chora) Ah!...

Estás a ouvir ?!

CASTRO

Quem tem influido no espirito da pequena é a bruxa da Carlota!

CARLOTA

Bruxa?!...Eu respondia-lhe, "seu penhorista"! "Seu agiota ordinário! " Seu...

CARLOS

Corta a luz! (**Escuro, silencio em cena**) Desculpem! Achei melhor apagar, porque havia perigo da conversa perder o tom elevado que é preciso manter. Estes são os personagens que deviam intervir até à cena 7ª. Daqui em diante vamos pôr os óculos da imaginação. Venham viajar connôsko no mundo da fantasia, que temos bons companheiros de viagem. Oscar Wilde, por exemplo, demonstrava com uma pequena história que só o que <sup>era</sup> fantasia merece a pena ser contado. ~~Eu vou relembrá-la: merece a pena ser contado.~~

- Era uma vez um homem, muito estimado na sua aldeia porque sabia contar histórias. ~~Todas as manhãs deixava a aldeia e~~ <sup>A</sup> noite quando ~~voltava~~, os camponeses depois dum dia de trabalho, agrupavam-se à sua volta e diziam:

- Vamos, conta lá! O que viste hoje ?

E o homem que era um sábio contava:

- Vi na floresta, um fauno a tocar numa flauta mágica uma música maravilhosa, como o vento.

- Conta mais. O que viste ?

E ele contava:

- Quando cheguei à beira-mar, vi na crista duma onda três sereias a pentearem ~~as~~ com pentes de oiro as cabeleiras verdes.

E os homens ~~e~~ estimavam <sup>no</sup> por ele ser um sábio, um artista, e por saber contar histórias.

Uma linda manhã, como de costume, o homem deixou a aldeia. Mas, à beira mar, encontrou realmente as três sereias a pentear os cabelos verdes com pentes de oiro; <sup>espantado</sup> continuou o passeio e avistou um fauno a tocar numa flauta mágica. Nessa noite, quando <sup>voltou</sup> ~~se tornou~~ a entrar <sup>a</sup> na aldeia, perguntaram-lhe, como sempre:

- Vamos, conta lá o que viste hoje ?

Ele que era <sup>alein do</sup> um sábio, <sup>era um artista</sup> respondeu:

- Hoje não vi nada!

Desculpem. Agora, só lhes peço que nos perdoem a introdução, e vamos começar o espectáculo confiantes, porque <sup>esta noite</sup> também temos a sorte de ~~estar~~ <sup>ter</sup> junto de nós um público de sabios e de artistas.

- Senhor contra-regra, pode bater o pau!

Escuro. Ouvem-se as ultimas pancadas de Molière.)

Ah!...O Carlos que está <sup>eu agora</sup> no Brasil, sou eu!

1º ACTO

(A mesma cena do prologo. São dez horas duma noite de inverno, Na sala uns tomam café outros "whisky". Numa mesa jogam a canasta, o Castro e a mulher contra o Professor Novais e Terezinha. Carlota está sentada num sofá com o gato Pirilau ao colo. Numa extrema Toni ensina a Joaninha a dançar um "twist", que ouvem num disco <sup>que toca no</sup> de "pick-up". Joaninha está descalça.

CASTRO <sup>na cad. 2 de um jogo de canasta</sup>

Pronto! Não jogo mais! (Atira as cartas para a mesa) Ganharam! (Para a mulher) E a culpa é tua que não travas-te o monte! (Levanta-se e fica a olhar para Toni e para Joaninha) <sup>(Vem lembrar-se no lugar 2 do jogo)</sup>

MARIA <sup>(Sentada no sofá ao lado de Carlota)</sup>

É sempre a mesma desculpa! Fica com os "bests" na mão e eu é que tenho que travar! <sup>(Castro olha para a mulher e para Toni e Joaninha)</sup>

TERESA <sup>(Olha para a mulher e para Toni e Joaninha)</sup>

A mãezinha <sup>mas</sup> nunca devia jogar com o Pai. Nunca se entendem. <sup>(Toni e Joaninha olham para a mulher e para Toni e Joaninha)</sup>

PROFESSOR NOVAIS <sup>(Olha para a mulher e para Toni e Joaninha)</sup>

Ainda não encontrei um casal que se entendesse na canasta! <sup>(Para a mulher)</sup>

(A Carlota) Então, D. Barlota, está tão calada ?! <sup>(Novais olha para a mulher e para Toni e Joaninha)</sup>

CARLOTA <sup>(Olha para a mulher e para Toni e Joaninha)</sup>

Estou a ver o Toni a ensinar o "twist" à Joaninha! (Todos ficam a olhar para os bailarinos, menos Teresa que arruma as cartas.) <sup>(Toni e Joaninha olham para a mulher e para Toni e Joaninha)</sup>

TONI <sup>(Olha para a mulher e para Toni e Joaninha)</sup>

Não! A Janeca tem que encolher a perna ao mesmo tempo que desvia o joelho, percebe!

JOANINHA <sup>(Olha para a mulher e para Toni e Joaninha)</sup>

Toni, você é uma maravilha! Mas eu não percebo como é que você faz, percebe!

CASTRO <sup>(Olha para a mulher e para Toni e Joaninha)</sup>

(A Novais) Ó professor! Você que é psiquiatra talvez me saiba explicar porque é que a juventude gosta desta idiotice do "twist"? <sup>(Novais olha para a mulher e para Toni e Joaninha)</sup>

Lá porque é que eles gostam não sei, mas porque é que você não gosta sei eu! <sup>(Novais olha para a mulher e para Toni e Joaninha)</sup>

CASTRO <sup>(Olha para a mulher e para Toni e Joaninha)</sup>

Porque é ?!

1º ACTO

(A mesma cena do prologo. São dez horas duma noite de inverno. Na sala uma tomada café outros "whisky". Numa mesa jogam a canasta, o Castro e a mulher contra o Professor Novais e Teresinha. Carlota está sentada num sofá com o gato Pirlan ao colo. Numa extrema Toni ensina a Joanninha a dançar um "twist", que ouvem num disco de "pick-up". Joanninha está descalça.)

CASTRO: Pronto! Não jogo mais! (Atira as cartas para a mesa) Ganharam! (Para a mulher) É a culpa é tua que não trazes-te o monte! (Levanta-se e fica a olhar para Toni e para Joanninha)

MARIA: E sempre a mesma desculpa! Fica com os "beats" na mão e eu é que tenho que travar! TERESINHA: A Joanninha nunca dança desta forma com o Toni. Nunca se entende! (Para a mulher) Ainda não encontras um casal que se entendesse na canasta!

(A Carlota) Então, D. Carlota, está tão calada?!

CARLOTA: Estou a ver o Toni a ensinar o "twist" à Joanninha! (Todas ficam a olhar para as bailarinas, menos Teresa que arruma as cartas.)

TONI: Não! A Janice tem que encolher a perna ao mesmo tempo que deavia o joelho, percebe!

JOANNINHA: Toni, você é uma maravilha! Mas eu não percebo como é que você faz, percebe!

CASTRO: (A Novais) O professor! Você que é apaixonista talvez me saiba explicar porque é que a Joanninha gosta desta idiotice do "twist"?

PROFESSOR NOVAIS: Lá porque é que eles gostam não sei, mas porque é que você não gosta sei eu!

CASTRO: Porque é?!

PROFESSOR NOVAIS

Por duas razões! Primeiro porque não sabe dançar! Segundo! Porque já não tem juventude!

CASTRO

(a gritar) Não diga isso! Nenhuma pessoa de bom senso era capaz de andar para ali a contorcer-se naqueles ademanos ridículos.

NOVAIS

(Estava a brincar! Eu também destesto estas músicas.

JOANINHA

Pronto! (~~Desliga o pick-up~~) Já não posso mais, percebe! (~~senta-se cançada~~)

MARIA

Ainda bem! Já tinha a cabeça cheia dessa música horrorosa!

JOANINHA

Não liguês, Toni! A minha mãe é muito bota! Dá cá o sapato! (~~Toni dá-lhe o sapato~~)

NOVAIS

Tem razão D. Maria!

CASTRO

Isto não é música não é nada!

NOVAIS

O twist só tem uma grande vantagem científica! → Maria senta-se na cadeira!

CARLOTA

Qual foi?

NOVAIS

Até hoje não era possível radiografar uma ~~neurose~~, agora basta olhar p'ra eles!

CASTRO

Boa piada, professor! (~~Ri-se~~) Ah, ah!... Ovíste Toni?

TONI

E Não achei graça, percebe!

JOANINHA

Não lhe liguês, são horrorosos!... → Toni dá-lhe o sapato de Toni!

NOVAIS

Muito agradecido!

JOANINHA

Paizinho, dá-me a chave do carro que eu vou levar o Toni a casa.